

**43º Encontro anual da Anpocs**

**SPG12 Entrelaçamentos entre Arte e Política: Debates Contemporâneos**

**Polarização política e reações a arte: a ascensão do moralismo político e sua influência na relação dos públicos com a arte**

Sara R. de Andrade Silva

2019

## **Polarização política e reações a arte: a ascensão do moralismo político e sua influência na relação dos públicos com a arte**

Sara R. de Andrade Silva

**Resumo:** Este trabalho tem como objeto as violentas reações à exposição “Queermuseu”, encerrada precocemente graças a protestos e mobilização nas redes sociais. Ao partir dessas reações, busco colocar em evidência o contexto e as condições sociais e políticas em que tais eventos emergiram, objetivando ainda pensar a articulação entre arte e vida social através da maneira como discursos, valores e conjuntos de palavras são acionados para produzir argumentos, contrários e a favor, e de que forma tais posicionamentos são cooptados por uma lógica política partidária em um contexto específico.

### **1- Introdução**

Fechamento prematuro, reações e comentários violentos na esfera pública, ameaças de agressão e morte, boicote a manifestações artísticas: nos últimos dois anos, esse cenário se repetiu, em maior ou menor intensidade, em diversos eventos culturais e artísticos pelo país. A segunda metade de 2017, ficou marcada pela judicialização – fala-se, inclusive, de criminalização – de performances, exposições e obras. A mostra “Faça você mesmo sua Capela Sistina”, de Pedro Moraleida na capital mineira, a peça teatral “O Evangelho segundo Jesus, rainha do Céu” em Jundiaí- SP, uma tela da artista visual Ropre, em Mato Grosso do Sul, e a performance “La Bête”, do coreógrafo Wagner Schwartz, no MAM-SP e, talvez o mais emblemático de todos estes casos, a exposição “Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira” encerrada quase um mês antes da data prevista, frente a pressão nas redes sociais e em protestos nas ruas.

Em todos os casos, houve considerável mobilização de pessoas, grupos políticos e religiosos e de representantes do poder público, articulados em lados opostos de um debate que movimentou a esfera pública em nível nacional e internacional. Nesse contexto, chama a atenção o tangível ambiente de polarização em que os debates emergiram: para além de opor pessoas que eram contra ou a favor da exposição, este posicionamento acabou sendo cooptado por uma lógica política polarizada que colocou em lados diferentes não só os valores morais (defendidos por aqueles que, aproximando objetos artísticos de valores do mundo ordinário, construíram sua argumentação a partir de questões religiosas ou morais)

e os valores artísticos (acionados principalmente por aqueles que acreditavam que, em se tratando de uma exposição de arte, critérios artísticos e estéticos deveriam ser os principais norteadores dos juízos) mas também se assistiu a articulação, em consonância com essa oposição, de posicionamentos políticos à esquerda ou à direita, organizados a partir de um conjunto de sentidos, palavras e significados que vem sendo construídos por essa oposição política já há alguns anos no país.

Este trabalho enfoca uma dessas manifestações artísticas – a exposição Queermuseu – a fim de observar as reações à mostra colocando em evidência o contexto e as condições sociais e políticas em que tais eventos emergiram, buscando pensar a articulação entre arte e vida social através da maneira como discursos, valores e conjuntos de palavras são acionados para produzir argumentos, contrários e a favor, e de que forma tais posicionamentos são cooptados por uma lógica política binária em um contexto específico.

O ambiente de polarização dos debates, observado tanto nas discussões em redes sociais quanto nos protestos presenciais, trouxe para a esfera da arte questões políticas e valores morais associados a um posicionamento político que tem suas representações sendo desenhadas em contexto nacional já há alguns anos. Tais conexões não são, contudo, descontextualizadas (Cowan, 2014, Chicarino et al. 2017, Madeira e Quadros, 2017, Solano et al., 2017a, 2017b.). Nesse sentido, acredito que se faça necessário ainda dar atenção à construção da moralização do discurso na esfera política, mobilizada por uma categoria que se convencionou chamar de “nova direita” no país, que emerge na interseção entre posicionamentos políticos, morais e econômicos e se constitui, principalmente, em oposição à “esquerda”, em parte criada pelo imaginário dessas novas direitas. Assim, busco pautar historicamente a construção dessa categoria desde a redemocratização, enfocando a articulação – e ascensão – de lideranças religiosas e políticas

Para além da defesa de valores artísticos ou morais, cabe perguntar “qual é o papel ocupado pela arte contemporânea nos casos relatados?” Atualmente, é difícil imaginar que objeto do cotidiano não poderia aparecer dentro de um museu (Buskirk, 2005); diferente da arte clássica ou moderna, na arte contemporânea, os cânones artísticos são constantemente questionados e há a exigência de que ultrapassem os limites do senso comum (Heinich, 2014). Esses novos paradigmas propostos pela arte contemporânea são

responsáveis por criar um descompasso entre as referências mobilizadas por especialistas e leigos para interpretar a obra de arte. Enquanto para os primeiros, o referente acionado na análise do objeto de arte é a história da arte, para os não iniciados, os objetos que não apresentam características canônicas de uma obra de arte tendem a ser lidos com critérios pautados por valores do mundo ordinário (Heinich, 2011).

## **2- O encerramento da Queermuseu**

O Santander Cultural está sediando a exposição Queermuseu, na cidade de Porto Alegre. São cerca de 270 obras que promovem a pedofilia, a pornografia e os mais variados ataques à moral e aos bons costumes que se possa imaginar.<sup>i</sup>

Assim começa o texto de César Cavazzola Júnior, advogado e professor de Direito que escreve para uma coluna no portal Locus, um site local de Passo Fundo. Publicado às 8:21 da manhã do dia 6 de setembro, o texto do advogado, que havia visitado a exposição dias antes acompanhado de três amigos, discorre sobre “os ataques à moral e aos bons costumes cometidos pela exposição” e a confusão que se dava, segundo sua opinião entre “processo criativo e a necessidade de expor intimidades”. Segundo César, ele havia feito as imagens, publicadas em sua coluna, e o texto porque algumas crianças e adolescentes circulavam pelo local que não mostrava restrição ou indicação etária<sup>ii</sup>. Embora o portal em que foi publicado o texto de César tenha um alcance consideravelmente pequeno, a publicação foi rastreada como a primeira de uma série de ataques, manifestações e protestos, nas redes sociais e em frente ao prédio do Santander Cultural que levantaria nas semanas seguintes um debate polêmico sobre censura, liberdade de expressão artística e a defesa de ideais morais.

A mostra “Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira” era composta por 246 trabalhos de 85 artistas, entre eles alguns consagrados modernos, como Lygia Clark, Alfredo Volpi e Candido Portinari, e contemporâneos como Adriana Varejão e Bia Leite e tinha a intenção de refletir, de acordo com seu curador Gaudêncio Fidélis, a questão da diferença sob uma perspectiva queer, aliada à abordagem canibalista do manifesto

antropofágico de Oswald de Andrade. Ainda segundo Fidélis, o Queermuseu se pretendia um “museu ficcional e metafórico onde a expressão de gênero e a diferença são exercidas em sua plena liberdade. Nele, os parâmetros restritivos do cânone artístico não são mais dominantes, e o aparato museológico mostra-se desestabilizado”<sup>iii</sup>.

Aberta ao público no dia 15 de agosto, a exposição tinha data de encerramento prevista para 8 de outubro e média de público de 700 pessoas por dia; o material de divulgação incluía 2 mil catálogos de 400 páginas com reproduções das obras e explicações sobre elas. A mostra seguiu sem grandes repercussões até a publicação do texto de César. Ainda no dia seis<sup>iv</sup>, o gaúcho Felipe Diehl visitou a exposição e gravou um vídeo intitulado “Pedofilia, zoofilia e hóstia de vagina”; o vídeo tem início com uma afirmação contundente de Diehl: “O que eu vou mostrar agora é só putaria, só sacanagem, mas que em Porto Alegre, no Santander Cultural, é reconhecido como arte”. Ao longo da filmagem, o gaúcho percorre a exposição, filmando as obras e debatendo o seu conteúdo e encerra: “a exposição de pornografia, incentiva a pedofilia, incentiva a putaria, sacanagem e até a zoofilia”. A descrição do vídeo contém a mesma citação do texto de César que abre este capítulo, o que indica que Felipe teve contato com o texto, possivelmente antes de visitar a mostra.

Fechada no dia 7 de setembro em razão do feriado nacional, a exposição reabre no dia 8 e recebe nova visita, desta vez do blogueiro Rafael Silva Oliveira, conhecido como Rafinha BK. Usando um roteiro parecido com de Diehl, Rafael tem logo sua filmagem interrompida por um dos monitores do Santander Cultural, que afirma ter recebido ordens da instituição para impedir a gravação de imagens. Ignorando a interrupção, Rafael segue a filmagem sendo novamente abordado duas vezes seguidas por outros dois funcionários que também são ignorados, sendo em seguida conduzido para fora da exposição por dois seguranças. O vídeo é publicado em seu canal no youtube na sexta feira dia 8. A partir deste dia, os vídeos feitos por Felipe Diehl e Rafael Oliveira viralizam, ou seja, recebem um número grande de visualizações e compartilhamentos nas redes sociais.

Depois do dia 9 de setembro as manifestações contrárias à mostra Queermuseu ganham corpo com a publicação de uma nota no Jornal Livre, site vinculado ao MBL – Movimento Brasil Livre intitulada “Santander Cultural promove pornografia e até pedofilia com base na Lei de Incentivo à Cultura”; O texto, que usa as imagens feitas por César Cavazzola, referencia o texto do advogado e busca chamar atenção para o fato de

que a mostra foi desenvolvida com o apoio do Ministério da Cultura<sup>vi</sup>. A partir de então, a página do Santander Cultural no Facebook passa a receber ataques e manifestações contrárias ao conteúdo da mostra, chegando a 20 mil o número de avaliações negativas que a página recebe em dois dias. Levando em consideração a grande repercussão negativa nas redes sociais e os ataques presenciais ao público da exposição, que se iniciaram na quarta feira dia 6 e prosseguiram durante o final de semana<sup>vii</sup>, o Santander Cultural divulga em nota, na página no Facebook, domingo dia dez, o encerramento prematuro da mostra.

Na nota de encerramento, a instituição afirma ter recebido diversas manifestações críticas sobre a exposição, e se desculpa pelas pessoas que se sentiram ofendidas por alguma obra que fazia parte da mostra. O Santander afirmou ainda que

[...] nosso papel, como um espaço cultural, é dar luz ao trabalho de curadores e artistas brasileiros para gerar reflexão. Sempre fazemos isso sem interferir no conteúdo para preservar a independência dos autores, e essa tem sido a maneira mais eficaz de levar ao público um trabalho inovador e de qualidade.

Desta vez, no entanto, ouvimos as manifestações e entendemos que algumas das obras da exposição Queermuseu desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva, perde seu propósito maior, que é elevar a condição humana. (Nota de encerramento da mostra Queermuseu- cartografias da diferença na arte brasileira – divulgada na página do Facebook do Santander Cultural. <sup>viii</sup>

No dia seguinte ao encerramento, dois promotores do Ministério Público Federal visitam a exposição com a intenção de investigar a veracidade das denúncias. O promotor da Infância e da Juventude de Porto Alegre, Júlio Almeida afirma que, a despeito das denúncias, não há crime de pedofilia nas obras expostas<sup>ix</sup>. A nota parecer emitida pelo MPF no dia 28 de setembro viria a confirmar sua versão. Embora considerando os ataques sofridos pela instituição e o grande impacto exercido pelos meios de comunicação virtual sobre as pessoas, o MPF alega que as “obras que trouxeram maior revolta em postagens nas redes sociais não têm qualquer apologia ou incentivo à pedofilia”<sup>x</sup> como divulgado por diversos meios de comunicação e recomenda a imediata reabertura da exposição, sem prejuízo de adotar medidas informativas no que diz respeito a representações de nudez, violência ou sexo nas obras expostas e medidas protetivas a segurança das obras e dos visitantes.

Também na segunda-feira dia 11, a Arquidiocese de Porto Alegre se pronuncia sobre a exposição, onde manifesta sua estranheza diante do uso de símbolos, elementos e imagens da fé católica de formas desrespeitosas. A nota ainda afirma que, em tempos de terrorismo e intolerância, não se constroem pontes com agressão e desrespeito a fé do outro. Em outro site, uma associação ligada à Igreja católica<sup>xi</sup> vincula a notícia de que, graças a mobilizações de grupos católicos, a exposição blasfema que promovia a pedofilia foi encerrada no Santander Cultural no domingo<sup>xii</sup>.

A repercussão nas redes sociais não é, entretanto, exclusivamente de oposição: Artistas, juristas e políticos<sup>xiii</sup> se manifestaram em redes sociais, em defesa da reabertura da exposição. As vozes que defendiam a reabertura da Queermuseu ganham mais força, no entanto, quase um mês depois de seu encerramento, com a suspensão das negociações de compra da exposição pelo Museu de Arte do Rio, após veto do prefeito Marcelo Crivella, e dos protestos também contrários à performance do artista Wagner Schwartz, da qual falarei mais adiante. O veto do prefeito do Rio de Janeiro gerou repercussão por seu formato: No dia primeiro de outubro, Crivella divulga em página oficial do Facebook um vídeo onde seis pessoas se manifestam contra o que dizem ser uma “exposição de pedofilia e zoofilia”. O prefeito afirma ainda que a população carioca não gostaria de receber a exposição e que, portanto, ela não seria realizada no museu<sup>xiv</sup>.

Atores e atrizes, artistas plásticos e músicos como Caetano Veloso, Adriana Varejão, Zezé Polessa, Vik Muniz, José Bechara, Otávio Muller, Beatriz Milhazes, Débora Falabela, Paulo Sérgio Duarte, o curador da mostra, Gaudêncio Fidélis, Mallu Mader, Marisa Monte, entre outros nomes se reúnem em manifesto contra a censura e a difamação. O vídeo foi divulgado no dia 8 de outubro em perfis de redes sociais dos artistas junto com as hashtags “CensuraNuncaMais” “ContraCensuraeDifamação” “342artes”<sup>xv</sup> após a decisão do MAR de não manter a compra. Em nota oficial, o CONMAR, Conselho Municipal do Museu de Arte do Rio afirma ser favorável à realização da exposição Queermuseu, mas que lamenta o modo como os debates em torno da exposição foram inflamados por polêmicas, o que levou a Prefeitura do Rio de Janeiro a solicitar a não realização da mostra<sup>xvi</sup>. Após a decisão do Conselho, a Secretaria de Municipal de cultura divulgou um comunicado oficial em que afirma que o CONMAR não é um Conselho deliberativo e, portanto, não possui poder de veto ante as decisões da prefeitura que, segundo a nota, já havia se posicionado<sup>xvii</sup>.

De volta à semana em que a exposição é encerrada, a terça-feira dia 12 é marcada por protestos que acontecem em frente ao prédio do Santander Cultural, onde grupos contrários e favoráveis à permanência da exposição comparecem para se manifestar. A convocação para o protesto é feita, no entanto, por grupos que defendem a exposição; em evento no Facebook que contava com mais de oito mil interessados, a descrição se posiciona na convocação de um ato público em defesa da “liberdade de expressão artística, das liberdades democráticas e contra os retrocessos políticos que limitam o exercício de cidadania da população LGBTT”. A convocação é assinada por grupos e coletivos de ativistas LGBTT e feministas que afirmam repudiar “os ataques conservadores e fundamentalistas e suas acusações falsas e infundadas[...] e a decisão do Santander Cultural de encerrar prematuramente a exposição”<sup>xviii</sup>.

Os protestos, simultâneos, terminaram com briga entre manifestantes contrários e favoráveis; algumas pessoas de diferentes grupos trocaram insultos e agressões físicas e a Brigada Militar é chamada a intervir, agindo com gás lacrimogêneo e bombas de efeito moral. Segundo a polícia afirma, o Batalhão de choque foi acionado depois que uma viatura teria sido cercada por manifestantes; duas pessoas que se posicionavam contra o fechamento da mostra foram presas por desacato e incitação à violência. De acordo com PMs, eles provocaram policiais e pediam aos demais manifestantes que se juntassem nas agressões verbais contra eles.<sup>xix</sup>

Na semana que seguiu o encerramento da exposição, diversas câmaras municipais e assembleias legislativas aprovaram moções de repúdio à mostra Queermuseu. Cidades brasileiras de diferentes estados e assembleias legislativas como a Alerj<sup>xx</sup> e a Alesp<sup>xxi</sup> protocolaram moções que repudiavam a iniciativa do Santander cultural em abrigar a exposição. Embora tais propostas tenham surgido em diferentes cidades de diversos estados do país, o conteúdo e motivo que justificava a apresentação de tal documento variava pouco em termos de argumentação: As moções se assemelhavam aos discursos contrários à mostra nas redes, fazendo referência às denúncias de incentivo à pedofilia e zoofilia, desrespeito a símbolos religiosos, princípios e valores morais e à condenação do uso do dinheiro público através da Lei Rouanet para financiar a iniciativa.

O debate, polarizado, perdurou ainda nas redes sociais. Nas semanas seguintes ao encerramento, uma nova manifestação artística chamaria a atenção da mídia e da opinião



pública: a performance “La Bête”, de Wagner Schwartz. Na peça, o artista nu, interpretava a famosa série “Bichos” de Lygia Clark e convidava o público a articular as partes do seu corpo como as dobradiças da obra. O vídeo de uma criança que tocava o pé do artista foi amplamente debatido na mídia e nas redes sociais, e o discurso político colado às críticas faz com que nos perguntemos: em que medida o contexto político influenciou nas reações a essas manifestações artísticas?

### **3- Contexto político, reação moral e arte: vale a pena fazer essa associação?**

A repercussão causada pelas manifestações artísticas acima relatadas tem um alcance ainda maior do que os eventos até então abordados: influenciou, por exemplo, alterações na classificação indicativa de museus e mostras de arte e propostas de mudanças nas leis de arrecadação de impostos para realização de eventos culturais, ainda circulam como debates em aberto. A outra face dessa discussão que não pode e não deve ser esquecida é a reação e mobilização de um número grande de pessoas contra essas manifestações; tanto os argumentos quanto as críticas do grupo que se articulou em prol, seja do encerramento da mostra, seja da culpabilização dos responsáveis por crimes de incitação à pedofilia, se distribuem em volta de um conjunto muito específico de palavras, que se desenrola dentro de uma esfera em que a moralidade é o valor norteador dos juízos.

Ao observar a discussão que tais manifestações artísticas provocaram, é possível traçar uma linha divisória entre os grupos contrários e favoráveis; tanto nas redes sociais quanto nos protestos presenciais, existiu um tangível ambiente de polarização. Muito embora tal polarização seja acionada pela oposição direta entre valores artísticos e valores morais, o contexto em que tais eventos ocorreram faz com que esse antagonismo seja indiretamente cooptado por posições políticas, trazendo para o debate questões relacionadas a partidos, lideranças políticas e valores que são associados ao posicionamento à esquerda ou à direita no espectro político e que tem suas representações sendo desenhadas em contexto nacional já há alguns anos.

Tais conexões não são, contudo, descontextualizadas. A associação entre uma pauta moralista e o posicionamento político de direita é um processo que vem sendo projetado desde a redemocratização, mas que tem se tornando cada vez mais relevante nos últimos anos, principalmente a partir de 2010. Ainda que os primeiros anos de transição para o regime democrático tenham ficado marcados por um fenômeno em Madeira e Quadros

(2017) denominam “direita envergonhada”, onde, em razão da associação com o regime civil-militar, parlamentares evitavam assumir seu posicionamento à direita, aos poucos, com a mudança geracional e de perfil dos deputados federais, parlamentares voltam a manifestar a simpatia com o viés direitista, traçando novas pautas que passam a identificar a direita no Brasil.

Avaliando os discursos e comportamentos de congressistas, bem como de atores sociais igualmente comprometidos com a pauta conservadora entre os anos de 2011 e 2015, os autores sugerem que a “reação conservadora” às pautas “progressistas” aciona a defesa de valores tradicionais como emblema para que de lideranças políticas possam mobilizar, sem maiores constrangimentos, a categoria da direita (2017:4). A confluência dessa reação conservadora e o ganho de espaço que essa agenda teve nos últimos anos podem ser parte determinantes para a atmosfera de polarização política em que o país passa a funcionar.

Se se considerar o esquema de representação política do país, a relação complexa entre partidos e posicionamento ideológico faz emergir um dos paradoxos que caracterizam a política eleitoral e partidária desde a redemocratização: a ausência de partidos de grande porte que mobilizem identidades associadas ao “conservadorismo” e a “direita”. Isso não significa, contudo, que tais valores não sejam representados, mas que a busca por os explicitar de forma ostensiva e voltada para assumir um posicionamento identitário não foram marcantes nas eleições presidenciais das primeiras décadas da transição, mas que vêm adquirindo importância cada vez mais destacada nos últimos anos (Ibid.)

Nas eleições de 2014, o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, ou Diap, revelou em seu levantamento uma guinada na direção conservadora: Apesar das manifestações de junho de 2013 - das quais voltarei a falar adiante – que evidenciaram um movimento popular que buscava a renovação política e avanço nos direitos sociais, o resultado das eleições do ano seguinte foi responsável por consolidar a representação conservadora na câmara. O levantamento apontou o aumento considerável de militares, religiosos, ruralistas e uma redução no número de deputados ligados à defesa de causas sociais.<sup>xxiii</sup> Diante desse quadro, Madeira e Quadros argumentam que parte da explicação para o avanço da mobilização conservadora está justamente no aumento de pautas progressistas introduzidas com êxito durante a última década. Nesse sentido, tal sucesso

pode ter servido como impulsionador para a defesa de bandeiras até então pouco questionadas, como por exemplo, a definição tradicional de família (Op. Cit. pág. 5).

Muito embora tenhamos assistido à articulação da Frente Partidária Evangélica, ou bancada evangélica, e seu crescimento como um fenômeno recente, a política da direita “evangélica” teve suas bases prefiguradas anteriormente aos processos de redemocratização, já na década de 70, quando líderes de diversas denominações adotam a necessidade de uma postura política ativa frente o reconhecimento de uma crise moral aguda. Essa postura surge diante de um fenômeno identificado por várias dessas denominações como uma “onda de imoralidade” e faz com que uma direita evangélica embrionária identifique como “nosso terreno” as pautas relacionadas a moralidade, sexualidade e comportamento de gênero, gravitando ao redor de um senso agudo de existência dessa acentuada crise moral (Cowan, 2014).

Tanto a mudança da relação entre atores políticos e religiosos, iniciada com o processo de redemocratização, quanto a transformação considerável no mapa religioso do Brasil, que vê decair o número de brasileiros associados ao catolicismo na medida em que aumenta o contingente de pessoas que se filiam a outros credos cristãos, são fatores que concorrem para o aumento da representação evangélica de origem pentecostal na esfera política. Para pastores, líderes religiosos e fiéis, quando o jogo político vir a pôr em xeque valores e interesses evangélicos, cabe aos fiéis votarem em líderes indicados pelas igrejas para que se façam representar seus desejos no parlamento (Madeira e Quadros, 2017:7).

Ainda que provenientes de diversas matrizes cristãs, o fato é que na atual legislatura a composição da bancada evangélica apresenta parlamentares espalhados em mais de vinte partidos que compreendem todo o espectro ideológico e que transcendem o eixo governo-oposição (Ibid.) Muito embora o conservadorismo direitista da atual conjuntura política se espalhe ainda por outras “bancadas” como a “ruralista” e a da “bala” deve-se considerar a importância que as pautas evangélicas, onde pesam a moral e o conservadorismo, exercem em tal cenário, sendo responsável pela construção de um léxico próprio em torno do qual gravitam grande parte dos discursos da direita brasileira atual. Tanto o tamanho da bancada evangélica, quanto seu alcance em termos alianças com parlamentares de outras religiões, bem como a maneira como seus representantes se apresentam, claramente contrários a pautas progressistas e com discursos inflamados de defesa da moral, indicam que após um

longo período de “direita envergonhada”, congressistas encontraram na agenda moral uma forma de movimentar a identidade de direita, instrumentalizando-a politicamente (Op. Cit. pág. 11). Esse movimento, embora não de todo responsável pela polarização, exerce força gravitacional nos discursos que mobilizam a pauta moral como fonte argumentativa, como ocorreu com o Queermuseu e a performance de Wagner Schwartz.

Embora a atual conjuntura não corresponda a uma novidade histórica - a polarização política entre esquerda e direita tem ditado o fazer político em grande parte dos regimes democráticos – o cenário presente guarda algumas particularidades dada a sucessão de eventos que, desde as manifestações de junho de 2013, tem conduzido o campo político brasileiro de forma específica.

Esses episódios foram decisivos para consolidação de grupos militantes de direita que tocaram em pautas sensíveis a uma grande parcela da população, moralizando ainda mais o debate em torno do tema da corrupção e potencializando pautas conservadoras. Aos poucos, esses movimentos foram agregando estratégias do populismo, da moralização da política e da exaltação do poder judiciário que teria a função de “limpar o Brasil” (Solano et al., 2017a:5). Tais movimentos, em especial e principalmente o MBL, sofreram ao longo desses anos transformações em seu discurso: Das pautas neoliberais, o movimento foi aos poucos passando a abordar as questões de cunho moral. Esther Solano (2017b:36) fala sobre essa mudança de atuação como um deslocamento para o que chama de “guerras culturais”: há para a autora um tom dominante no debate político atual que tende a colocar temas morais como o combate à homossexualidade e o endurecimento penal em primeiro plano, subordinando as questões econômicas e sociais a essa visão de mundo punitivista.

A autora defende que a absorção da agenda da bancada evangélica por esses grupos está em consonância com o citado fenômeno das “guerras culturais”: quando tópicos como a legalização do aborto, controle de armas, legalização das drogas, casamento entre pessoas do mesmo sexo, entre outras, passam a ganhar proeminência no debate político americano a partir dos anos 80, opondo “conservadores”, que passam a se definir através do compromisso com uma autoridade moral externa e transcendente, e “progressistas”, caracterizados pela ordem compreensiva, pelo espírito da era moderna, racionalista e subjetiva (Op. Cit. pág. 37). Para Solano, a agenda neoliberal proposta por grupos como o MBL está longe de ser consenso entre os cidadãos brasileiros que, ao contrário,

demonstram forte oposição às reformas neoliberais como a reforma da Previdência e a reforma trabalhista. Diante disso e em busca da expansão da base de apoio, tais grupos alteram a estratégia discursiva trazendo para o centro de seu debate político, temas da agenda moral e deslocando para segundo plano a defesa do estado mínimo<sup>xxiii</sup>.

Os episódios da forte oposição ao Queermuseu e à performance no MAM por grupos políticos organizados de direita trazem à tona tais apontamentos uma vez que, ao mesmo tempo que em nenhum momento o posicionamento político à esquerda ou à direita é acionado na opinião pública contra ou a favor das manifestações artísticas, há imediata adesão de grupos militantes de direita à defesa de valores morais em oposição àqueles que, embora não articulados pela esquerda, são imediatamente relacionados às pautas defendidas por lideranças com esse posicionamento. O que acontece é uma cooptação de ideias, pessoas e posições por grupos militantes de direita através da mobilização de um conjunto específico de palavras que vem sendo associados ao posicionamento político conservador de direita já há alguns anos no cenário nacional graças à atuação de lideranças políticas e movimentos articulados, como a bancada evangélica.

Muito embora a opinião com relação a tais eventos não seja unanimidade entre pessoas que compartilham uma mesma posição política, ao se manifestar de forma contrária ou favorável aos episódios, essa opinião é rapidamente incorporada por uma das duas grandes vertentes que se opõem, no cenário político atual, no plano moral. Na medida em que se posicionar em favor de tais manifestações significa, pela lente de tais movimentos, se pôr ao lado do “incentivo à pedofilia e à homossexualidade” há a construção de uma identidade que se consolida através e a partir da rejeição do outro, que inviabiliza o debate em nível comum.

A oposição discursiva coloca em jogo projetos coletivos e individuais que envolvem um conjunto de ideias que acaba por influenciar o pensamento de um grande grupo de pessoas; dada a proximidade argumentativa dos grupos de direita às pautas da bancada evangélica e à crescente adesão dos brasileiros a religiões cristãs protestantes, o debate resultou em uma participação política por associativismo, que é normalmente responsável por mobilizar de forma polarizada a opinião pública. Ainda assim, toda a repercussão causada foi iniciada por obras de arte. Nesse sentido, talvez não seja insensata a pergunta:

qual o papel da arte nas reações? Podemos isentá-la da provocação ou ela assumiria, de alguma forma, alguma responsabilidade pela repercussão que causou?

#### **4- E a arte contemporânea?**

É possível que a atribuição de valores outros que não os puramente estéticos/artísticos alcancem um maior descompasso entre a intenção do artista e a interpretação dos espectadores na medida em que o campo artístico vai se autonomizando. Assim, o maior grau de autonomia que a arte contemporânea atinge está na desconstrução sistemática dos cânones artísticos e a redefinição dos limites entre arte e não arte. É assim que Nathalie Heinich (2014) descreve a prática da arte contemporânea. Para a autora, diferente de um período de produção artístico histórico, a arte contemporânea corresponde a instauração de novos paradigmas estéticos que mobilizam toda uma transformação nos mundos da arte. Nesse sentido, a transgressão do senso comum e o do que é tradicionalmente entendido como arte passa a ser o critério mais importante na definição do que é ou não uma obra de arte, que deixa de ser definido pelo objeto proposto pelo artista e passa a consistir em todo um conjunto de operações, ações e interpretações provocadas por sua proposição (Heinich, 2014:377).

“O que você pode trazer para um museu que não pertença a um museu?” (Buskirk, 2005:165). No início da década de 1990, depois de mais de três décadas de iniciadas as discussões sobre a definição do objeto de arte na arte contemporânea, talvez seja difícil imaginar que pode ou não aparecer dentro de um museu de arte. Graças as críticas às convenções institucionais iniciadas nas décadas de 1960 e 1970, trabalhos como instalações efêmeras, que são feitas em resposta a condições específicas com a incorporação de elementos que não seriam tratados como arte para além desse momento passam a ser considerados pelas instituições como carregadas de valor artístico. Ao tomar as circunstâncias em que o trabalho é produzido como componente desse trabalho, os artistas produziram um corpus cada vez maior de obras que não podem ser entendidas isoladamente, uma vez que o contexto é, de fato, um elemento componente da proposta artística (Ibid.).

A exigência da arte contemporânea de que se ultrapassem os limites do senso comum e da própria noção de arte faz com que se conteste sua validade enquanto período histórico de produção artística, como foram a arte clássica e a arte moderna. Heinich (2014)

fala de um jogo de demarcações na arte contemporânea em que o tencionamento desses limites acaba por impor mediações técnicas ou sociais - como a fotografia - que garante a durabilidade da obra e o texto ou discurso, que se tornam extensões para além da materialidade do objeto produzido. Nesse sentido, assim como o contexto se tornou parte da obra, também o discurso participa como elemento intrínseco da obra de arte <sup>xxiv</sup>que, dentro da lógica contemporânea, que quase nunca existe sem um texto, assinado ou não pelo artista, podendo ser de um especialista, crítico ou curador. Por não consistir mais exclusivamente em um objeto, mas em todo um conjunto de operações, ações e interpretações provocadas pela proposta do artista, essa transgressão ao cânone é a principal razão pela qual muitos permanecem *outsiders* sem sequer compreender o que precisa ser compreendido.

Esses desacordos, que frequentemente opõem a leitura de leigos à explicação de especialistas, por vezes surgem do descompasso entre as referências mobilizadas para interpretar a obra de arte por iniciados e não iniciados. Enquanto para os primeiros o referente acionado na análise do objeto de arte é a história da arte – altamente especializada e que ultrapassa a cultura escolar -, para os não iniciados, os objetos que não apresentam características canônicas de uma obra de arte tendem a ser lidos em critérios pautados por valores do mundo ordinário (Heinich, 2011:89). Dessa maneira, da mesma forma que leigos apresentam dificuldade em compreender obras que parecem atentar contra valores morais arraigados, os iniciados não compreendem a incompreensão dos leigos.

Tais proposições ecoam as observações anteriores realizadas por Bourdieu (1979) n’A Distinção: para o autor (2007:10) ao circunscrever de maneira cada vez mais intensa a referência à sua própria história, a arte exige ser referida não de acordo com a realidade representada ou designada, mas ao seu universo próprio no passado e no presente. Esse processo é acelerado partir da arte moderna, onde a transformação da estética é produto de uma intenção artística que prioriza o modo de representação sobre o objeto representado, exigindo do espectador uma atenção exclusiva à forma que, em relação aos antigos modos de representação, essa exigência era apenas parcial.

Assim, a “estética popular” caracterizada por uma “subordinação da forma à função” perde espaço na interpretação artística na medida e que se baseia na afirmação da

continuidade da vida pela arte e recusa qualquer espécie de experimentação formal; a ascensão do primado da forma sobre a função tende a colocar o público popular à distância, uma vez que este não seria portador da linguagem necessária para decodificar o jogo da interpretação estética. Enquanto para a teoria estética o desprendimento e o desinteresse constituiriam a única forma de reconhecer a obra de arte como autônoma, os indivíduos das classes populares que consideram necessária a existência de uma função para a arte – nem que seja a de signo – tendem a manifestar seus julgamentos em referência às normas da moral ou do decoro; nesse sentido, sua apreciação refere-se a um sistema de normas cujo princípio norteador é sempre ético (Op. Cit. pág. 12).

Contudo, mesmo que a não-compreensão mobilize reações negativas dos públicos frente a arte contemporânea – principalmente em relação ao que é percebido como “esnobismo” ou tentativa de exclusão do público leigo pelos artistas ou especialistas - esse tipo de reação tem como característica a formulação de uma crítica que, diante do descompasso entre as expectativas estéticas e a proposta artística, implica na exigência de sentido, significação, dando vazão a registros que denunciam o “vazio” da proposta artística, traduzidas por enunciações como “isso não quer dizer nada” ou “qual é o sentido disso?” (Heinich, 2011:80).

No caso das reações à Queermuseu, ainda que alguns de seus defensores tenham argumentado que reação negativa à exposição se deu, em parte, pela incompreensão dos temas tratados pelas obras – como o filho de Lygia Clark, Álvaro Clark, que em entrevista afirmou que integrantes do MBL não entenderam o significado das obras<sup>xxv</sup> - as críticas à mostra se desenvolveram ao redor de questões bastante específicas e relacionadas a pautas conservadoras que vêm sendo defendidas já há algum tempo pelos grupos que se opuseram à exposição. Muito embora a incompreensão da proposta artística possa perpassar esse tipo de reação à mostra – e que o argumento da não-compreensão tenha sido acionado por artistas e profissionais da arte para explicar e deslegitimar as críticas à exposição – o discurso mobilizado pelos grupos opositores não se organizava necessariamente ao redor de uma “ausência de sentido” das obras, mas sim na direção em que os temas tratados pela mostra defendia valores que entravam em choque com as noções de moral e justiça de pessoas e grupos com ressaltada influência no contexto político atual.



Dessa forma, dois movimentos concorrem para explicar as reações, tão violentas, as obras da Queermuseu: em primeiro lugar, um descompasso entre as referências mobilizadas pelos profissionais da arte. Tanto artistas quanto curadores, baseados na história da arte altamente especializada e em consonância com os paradigmas que a própria arte impõe e reconstrói, exigem que a obra de arte seja tratada e discutidas nos termos da auto referência, que falta ao público leigo que vê na prática da arte contemporânea uma agressão ao cânone que aprendeu a admirar. A aproximação das críticas a critérios do mundo ordinário descreve o movimento de deslocar a análise de uma discussão altamente especializada, da qual o público leigo não tem domínio, para uma esfera mais geral e, de acordo com esse discurso, moralmente contestável.

Ao mesmo tempo, como vimos, o contexto político atua para que as reações se deem da forma como aconteceram. Um exemplo disso é que, muitas das obras que foram alvo de discursos críticos não são novas, tendo sido expostas diversas vezes em outros lugares. Nesse sentido, o desconhecimento da prática contemporânea se alinha com uma tendência política para formas o fenômeno que analisamos. É dessa forma que palavras como “esquerda” e “direita” aparecem em grande parte das discussões sobre a Queermuseu sem estarem diretamente relacionadas.

## **5- Considerações finais**

Ao longo deste trabalho procurei responder algumas questões que se levantaram a partir de um evento incomum e bastante significativo, que foi o encerramento de uma exposição de arte, cercado por uma grande polêmica que atingiu e permaneceu na esfera pública por algumas semanas. A partir da busca por compreender o porquê tais eventos sucederam de determinada maneira – das reações agressivas e negativas, não só na internet como também em protestos na rua, da argumentação baseada em valores morais e éticos e a judicialização do caso – esta pesquisa procurou levantar questões sobre a forma como palavras e discursos foram construídos por diversos atores e foram capazes de influenciar a produção de sentido dos públicos no contato com a arte.

Durante o texto deste trabalho, muito foi falado em arte contemporânea; é importante salientar que a Queermuseu não se trata, exclusivamente de uma exposição de arte contemporânea, contando com objetos de arte considerados “modernos” não só pelo paradigma estético sugerido por sua aparência, como também por sua data de produção.

No entanto, a proposta da curadoria da exposição, assim se apresenta, construindo uma narrativa contemporânea da abordagem do tema da diferença em diversas obras de arte brasileiras. Diante de tal proposta, e considerando pertinência da temática abordada pelas obras apontadas como foco da polêmica ao paradigma contemporâneo, foi possível demonstrar que o descompasso de referências mobilizadas por leigos e iniciados, pode contribuir para o dissenso entre apoiadores e opositores da mostra, na medida em que, apoiadas em valores do mundo ordinário, pessoas não iniciadas ignoram a história da arte especializada, fundamental para interpretar a arte contemporânea. Assim, para além dos fatores contextuais que atuam na produção da polêmica ao redor da Queermuseu, consideramos que a sistemática desconstrução dos cânones artísticos pela práxis contemporânea atuam, também, na produção de um estranhamento na relação entre público e objeto de arte.

Essa discussão buscou jogar luz nos possíveis conflitos de valor artístico e estético que espectadores acostumados às características canônicas do objeto de arte podem ter quando confrontados com obras contemporâneas. Assim, para além dos fatores contextuais que atuam na produção da polêmica ao redor da Queermuseu, considero que a sistemática desconstrução dos cânones artísticos pela práxis contemporânea atuam, também, na produção de um estranhamento na relação entre público e objeto de arte. .

Nesse sentido, embora a proposta da exposição estivesse ancorada em palavras como diferença, alteridade, queer, diversidade, entre outras, a polêmica causada por seu encerramento fez com que novos sentidos se “colassem” à mostra. Assim, tanto as pessoas que defenderam a exposição quanto aquelas que pediram pelo seu fechamento, participaram da construção de novos significados para a exposição, conjugando termos como imoralidade, obscenidade, pedofilia, vilipêndio, censura, liberdade artística, liberdade de expressão, arte, entre outros, que marcaram sua passagem pela esfera pública. Considerando os comentários dos públicos em postagens sobre a exposição na internet, foi possível perceber que a maior parte das pessoas que se manifestou, viu a exposição investida de valores negativos, como aqueles que apareciam na argumentação dos grupos contrários.

Ao longo deste trabalho, procurei descrever os eventos ao redor de um caso que, por sua particularidade, chama a atenção e se apresenta como objeto rico para a observação

sociológica. No entanto, o fato de que, nos anos seguintes, novas reações às artes deem lugar, por exemplo, a ações de censura com discursos semelhantes àqueles que fundamentam as reações negativas, nos coloca em estado de alerta. Seria o caso da Queermuseu o primeiro que descreve uma relação tensa entre política e arte? Tal relação, apesar de não se apresentar como novidade histórica no país, chama atenção por seus contornos, a relação com o aumento do conservadorismo e a ascensão de um regime de colorações antidemocráticas que vem ocupar o lugar de alguns anos de avanços progressistas no cenário nacional.

Longe de esgotar o objeto, este trabalho se apresenta como uma tentativa de abordar um fenômeno e como um pontapé inicial de investigações, que mais levanta questões que as responde. Entendo episódios como o Queermuseu, a performance *La bête*, as reações à peça teatral “O Evangelho segundo Jesus, rainha do céu”, a retirada de HQs das prateleiras da bienal pelo prefeito do Rio, Marcelo Crivella, e tantos outros casos como parte de um fenômeno maior que descreve o tensionamento das relações entre arte, política e os públicos que merecem nossa atenção e análise.

### **Referências bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. “O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público”. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003 (1969)

\_\_\_\_\_. Pierre “A distinção: crítica social do julgamento.” São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007

BUSKIRK, Martha. *The Contingent Object of Contemporary Art*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 2003, p.1-155

CHICARINO, Tathiana Senne, SEGURADO, Rosemary, ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar, TAVARES, Luis Eduardo, MALINA, Pedro, LOBO, Denis Carneiro. Impeachment de Dilma Rouseff e o debate no Twitter in *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.9, n.30, p. 200-224, out.2017-jan.2018

COWAN, B. 'Nosso Terreno': crise moral, política evangélica e a formação da 'Nova Direita' brasileira. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 30, n. 52, pp. 101-125, 2014

HEINICH, Nathalie. 2014 “Práticas da Arte Contemporânea: Uma abordagem pragmática a um novo paradigma artístico” em *Sociologia e Antropologia*, vol. 04, nº 2, 2014, 373-387

\_\_\_\_\_. Arte contemporânea exposta a rejeição: Contribuição a uma sociologia dos valores In: BOTELHO, Isaura (Org.) *Revista Observatório Itaú Cultural*, n. 12 (maio/agosto), – São Paulo: Itaú Cultural, 2011

MADEIRA, R. M. ; QUADROS, M. P. R. . Da direita envergonhada às bancadas evangélica e da bala: caminhos da representação política do conservadorismo no Brasil. In: ANPOCS - 41º Encontro Anual, 2017, Caxambu. *Anais do 41º Encontro Anual da Anpocs*, 2017

SOLANO, Esther; ORTELLADO, Pablo; MORETTO Ribeiro, Márcio 2016: o ano da polarização? / Esther Solano, Pablo Ortellado e Marcio Moretto. - São Paulo : Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil, março de 2017. - 19 Seiten = 1,1 MB PDF-File. - (Análise / Friedrich Ebert Stiftung Brasil ; No 22) Electronic ed.: São Paulo : FES, 2017a

SOLANO, E.; ORTELLADO, P. ; MORETTO, M. . Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações de apoio a Lava Jato e conta a reforma da previdência. Em *Debate*, v. 10, p. 34, 2017b.

---

<sup>i</sup> Santander Cultural promove pedofilia, pornografia e arte profana em Porto Alegre. Disponível em: <http://www.locusonline.com.br/2017/09/06/santander-cultural-promove-pedofilia-pornografia-e-arte-profana-em-porto-alegre/>

<sup>ii</sup> Como movimentos ultraconservadores conseguiram encerrar a exposição Queermuseu. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/09/como-movimentos-ultraconservadores-conseguiram-encerrar-exposicao-queermuseu.html>

<sup>iii</sup> Gaudêncio Fidélis sobre “Queermuseu - cartografias da diferença” Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2017/08/c>

<sup>iv</sup> Embora a data de publicação do vídeo seja 8 de setembro, o vídeo não poderia ser feito nesta data, uma vez depois da repercussão iniciada no dia seis, o Santander Cultural proíbe a filmagem da exposição a partir da manhã do dia 8. A tentativa de fazer vídeos no local da mostra por outro blogueiro é barrada no dia oito por monitores e seguranças do local. (Vídeo “DENÚNCIA: SANTANDER INCENTIVA A PEDOFILIA!” <https://www.youtube.com/watch?v=OWNQNFuSKBY>

<sup>v</sup> Pedofilia, zoofilia e hóstia de vagina (parte 4). Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9tbgX20Wi6g>

<sup>vi</sup> Disponível em: <https://jornalivre.com/2017/09/09/santander-cultural-promove-pornografia-e-ate-pedofilia-com-base-na-lei-de-incentivo-a-cultura/>

---

<sup>vii</sup> 'Não há pedofilia', diz promotor após visitar exposição de diversidade sexual cancelada em Porto Alegre. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/nao-ha-pedofilia-diz-promotor-apos-visitar-exposicao-de-diversidade-sexual-cancelada-em-porto-alegre.ghtml>

<sup>viii</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/SantanderCultural/posts/732513686954201>

<sup>ix</sup> Ver nota VII

<sup>x</sup> RECOMENDAÇÃO PRDC/RS Nº 21/2017 Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/rs/sala-de-imprensa/docs/recomendacoes/2017/recomendacao-queermuseu-porto-alegre/view>

<sup>xi</sup> Agência Católica de Informações (ACI) e seu escritório central se encontra em Lima, no Peru, onde é reconhecida juridicamente como uma associação educativa sem fins lucrativos vinculada à Igreja Católica Disponível em: <https://www.acidigital.com/quemsomos.htm>

<sup>xii</sup> Exposição blasfema é encerrada depois da mobilização de católicos. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/exposicao-blasfema-e-encerrada-depois-da-mobilizacao-de-catolicos-16704>

<sup>xiii</sup> Ver: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/artistas-e-politicos-se-manifesta> e <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/jurista-critica-cancelamento-do-queermuseu-e-artista-plastica-diz-que-liberdade-de-expressao-e-essencial.ghtml>

<sup>xiv</sup> MAR decide não trazer 'Queermuseu' ao Rio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/mar-decide-nao-trazer-queermuseu-ao-rio-21902600>

<sup>xv</sup> Famosos fazem campanha contra censura após polêmica com a mostra 'Queermuseu' e a performance com nu no MAM. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/famosos-fazem-campanha-contra-censura-apos-polemica-com-a-mostra-queermuseu-e-a-performance-com-nu-no-mam.ghtml>

<sup>xvi</sup> CONMAR - Conselho Municipal do Museu de Arte do Rio - MAR Nota pública [http://museudeartedorio.org.br/sites/default/files/nota\\_publica\\_conmar\\_3\\_de\\_outubro\\_2017.pdf](http://museudeartedorio.org.br/sites/default/files/nota_publica_conmar_3_de_outubro_2017.pdf)

<sup>xvii</sup> Ver nota VII

<sup>xviii</sup> Ato pela Liberdade de Expressão Artística/Contra LgbttFobia Disponível em: <https://www.facebook.com/events/905454412938548/>

<sup>xix</sup> Protesto em frente ao Santander Cultural termina com briga entre manifestantes, confronto com a PM e dois presos. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/protesto-em-frente-ao-santander-cultural-termina-com-briga-entre-manifestantes-confronto-com-a-bm-e-dois-presos.ghtml>

<sup>xx</sup> Moção de repúdio Alerj [<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1519.nsf/c5f8b6f0d3d3981783257dd5005e3435/86b1fbc24b01d201832581a00065e663?OpenDocument>]

<sup>xxi</sup> Moção de repúdio Alesp [<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000059954>]

<sup>xxii</sup> Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, afirma Diap. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>

<sup>xxiii</sup> Vídeo “MBL e a estratégia das pautas morais - Esther Solano”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cZj6QzQ7zKg&t=191s>

<sup>xxiv</sup> Atualmente, as escolas de arte – pelo menos na França – incluem a maestria do discurso sob a forma de “ser capaz de falar sobre a obra ou construir um texto em torno dela” como parte de um currículo pedagógico (Heinich, 2014:379)

<sup>xxv</sup> “Em protesto, obra de Lygia Clark é apresentada fora da exposição” disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/em-protesto-obra-de-lygia-clark-e-apresentada-fora-da-exposicao/>